

Agronegócio

Setor aviário trabalha para recuperar mercados

Mesmo com aumento no volume de abates, participação gaúcha nas exportações caiu

Eduardo Torres

Desde o início de maio deste ano, quando foi confirmado um caso de gripe aviária em uma granja comercial de Montenegro, no Vale do Caí, o setor aviário trabalha na recuperação de mercados, tendo entre a Serra e o Vale do Caí 44% da produção gaúcha. De acordo com o presidente da Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), José Eduardo dos Santos, ainda há restrições ativas, incluindo a China, aos produtos aviários gaúchos.

Mesmo com o aumento no volume de aves abatidas no RS no primeiro semestre do ano, com 405,07 milhões – 3,2% a mais do que no mesmo período de 2024 –, a participação gaúcha nas exportações de carnes de frango caiu 6,3%. Entre os principais municípios com frigoríficos de aves na região, porém, o impacto nas vendas ao exterior foi maior. Em Garibaldi, conforme o Ministério do Comércio Exterior, houve redução de 35,2% no volume de exportações de carnes de aves e miudezas entre janeiro e julho deste ano, movimentando US\$ 3,6 milhões no período.

Já em Montenegro, onde está uma das principais unidades industriais de abate de aves da JBS no País, os negócios com a carne de frango para fora do Brasil movimentaram menos de US\$ 1 milhão no período.

“O setor vinha em recuperação desde 2024, após os casos de Newcastle. O setor, de um modo geral, segue apreensivo. Porque a produção já vinha enfrentando problemas climáticos,

com o calor excessivo do começo do ano, o que acabou mexendo com os preços”, explica o presidente da Asgav.

O município onde foi detectado o foco de gripe aviária não é líder na produção de frangos na macrorregião retratada neste capítulo do Mapa, no entanto, tem importância estratégica pela industrialização. O frigorífico JBS recebeu um dos principais aportes de R\$ 1,8 bilhão destinados pela gigante do setor às suas unidades gaúchas.

A empresa não detalha os volumes produzidos por unidade, mas, a cada ano, são produzidas 430 mil toneladas de carnes de ave entre os seus frigoríficos gaúchos. São três na região – Montenegro, Caxias do Sul e Garibaldi –, de um total de cinco no Estado.

Por meio de nota, o diretor executivo de operações da Seara, Daniel Ávila, aponta que receberam aportes neste ciclo as granjas de desenvolvimento de frangos. Entre as 21 unidades no RS, a JBS tem oito entre a Serra, os Campos de Cima da Serra e o Vale do Caí. Em André da Rocha, Ipê, Nova Bassano, São Pedro da Serra e Vacaria, por exemplo, estão granjas de desenvolvimento das aves para a empresa.

Antes das granjas, há o desenvolvimento genético de matrizes. E fica em Montenegro a Agrogen, expoente no setor no Brasil, com o desenvolvimento, entre o município e unidades em Triunfo e no Paraná, 14 milhões de matrizes ao ano.

A cadeia avícola é completa ainda com a produção de ovos que, em 2024, liderou o País no volume exportado. De acordo com a Asgav, foram 6,5 mil toneladas de ovos exportadas no ano passado, 35% do volume vendido pelo Brasil. O principal polo produtor fica em Farroupilha. “Houve

O setor aviário

■ Vale do Caí e Serra respondem por 44% da produção gaúcha de aves

■ No primeiro semestre, o Rio Grande do Sul abateu 405 milhões de aves, um crescimento de 3,2% em relação a 2024

Produção de frangos

Farroupilha:

1,1 milhão de aves

Salvador do Sul:

937,1 mil aves

Alto Feliz:

745,5 mil aves

Morro Reuter:

631,5 mil aves

Vacaria:

590,1 mil aves

Produção de ovos

Farroupilha

Vacaria

Alto Feliz

Salvador do Sul

Morro Reuter

Frigoríficos de aves

Garibaldi (Nicolini, JBS)

Caxias do Sul (Seara/JBS)

Montenegro (JBS)

Farroupilha (Carrez Alimentos)

São Sebastião do Caí (Agrosul)

FONTES: IBGE, ASGAV, FUNDESA

um esforço para a qualificação da produção de ovos. Por meio da associação, e uma assistência técnica, que atua na capacitação dos produtores. Além do ovo in natura, o Estado negocia o produto em líquido e em pó”, detalha José Eduardo dos Santos.

A gigante do setor, Naturovos, opera em Salvador do Sul, no Vale do Caí – quarto maior produtor de ovos da macrorregião –, e em Vacaria, nos Campos de Cima da Serra, segundo maior produtor de ovos da macrorregião.

Laticínios investem para agradar o novo cliente

Garantir maior competitividade em um ambiente em que a importação e empresas nacionais tornam-se grandes concorrentes é o grande desafio da Cooperativa Santa Clara, de Carlos Barbosa, na Serra, na produção de leite e laticínios. Por isso, além da captação do leite e dos investimentos industriais e em outros setores produtivos, que neste ano devem chegar a R\$ 35 milhões, a cooperativa trabalha cada vez mais em seus laboratórios e nas pesquisas de mercado.

“Saúde e bem estar é hoje uma moeda cada vez mais valorizada no mercado. E nós precisamos estar alinhados com o que o consumidor exige, é uma questão de competitividade. Nossa pesquisa de mercado aponta as tendências e nós avaliamos se a nossa linha de produção tem capacidade de operar. Em alguns casos, fazemos as adaptações, em outros, formulamos o produto e industrializamos com parceiros”, explica o diretor administrativo e financeiro da Santa Clara, Alexandre Guerra.

É possível notar este avanço da cooperativa nas prateleiras. Em praticamente toda a linha de produtos, estão presentes os rótulos com redução de sódio e zero lactose, além do leite com mais cálcio, o chamado 50+. E, mais recentemente, a linha de whey própria, que é produzida em uma indústria parceira, fora do Rio Grande do Sul.

Os resultados, aponta Guerra, são os melhores possíveis. Havia projeção de crescimento de 4% neste ano, mas já é possível imaginar 8% de crescimento da Santa Clara no mercado, chegando a um faturamento de R\$ 2,7 bilhões.

“Durante a cheia no ano

passado, mesmo com as dificuldades logísticas e alguns pequenos produtores sendo bastante prejudicados, a cooperativa continuou investindo em todas as pontas. De um lado, estamos concluindo uma nova central de distribuição em Carlos Barbosa, que permitirá centralizar a nossa logística após a produção industrial, de outro, temos trabalhado para que os produtores consigam cada vez mais eficiência nos seus rebanhos”, detalha o diretor.

A bacia leiteira da Serra está entre as três maiores do Estado, mas a atuação da cooperativa já ultrapassou esse limite. Hoje, a coleta de leite da Santa Clara chega a 153 municípios entre a Serra, Alto Uruguai, Alto Jacuí e Taquari. E por isso, os investimentos também não se limitam à região onde nasceu a cooperativa. Neste ano, foi aberta uma loja agropecuária em Teutônia e um novo prédio foi reformado para a loja em Paraí. Ao todo, são 4,8 mil associados, dos quais 2,3 mil produzem leite. A Santa Clara busca ainda leite em parceria com outras cooperativas gaúchas.

Com 2,7 mil funcionários, a produção láctea é dividida em três frentes. Em Carlos Barbosa está concentrada a produção de queijos nobres, bebidas fermentadas e requeijão. As outras duas unidades estão no eixo norte do Estado. Em Casca, é envasado o leite UHT, que ocupa o quinto lugar na preferência dos consumidores da Região Sul do Brasil, conforme levantamento da Agas, e em Getúlio Vargas, são produzidos mussarela e requeijão. De acordo com Alexandre Guerra, 60% da produção é destinada para fora do Estado.

COOPERATIVA SANTA CLARA/DIVULGAÇÃO/JC



Cooperativa Santa Clara aposta na tendência de produtos saudáveis

Produção suína avança

A ampliação da industrialização de suínos está entre as prioridades de investimento da Cooperativa Santa Clara, em Carlos Barbosa, neste ano. Parte dos R\$ 35 milhões desembolsados neste ano são destinados à ampliação do

frigorífico de suínos, que deve ter a sua capacidade ampliada de 350 para 600 animais processados por dia.

Além do frigorífico em Carlos Barbosa, a cooperativa mantém o abate em Vila Lângaro, no Nordeste gaúcho, e

granjas de suínos, com 65 produtores associados, em todas as regiões onde atua. O setor, que não tem a macrorregião entre as suas principais produtoras, conta ainda com um frigorífico da JBS em Caxias do Sul, no distrito de Ana Rech.